

BIBLIOTECAS GERIDAS COMO ORGANIZAÇÕES: OS BENEFÍCIOS PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

CAROLINE DA ROSA FERREIRA BECKER (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA).

Resumo

O artigo apresenta algumas considerações sobre a importância das bibliotecas serem geridas como organizações, diante dos novos desafios surgidos com o advento da chamada “sociedade da informação”. Informa que em virtude da atual explosão da informação e das evoluções tecnológicas, a sociedade passa por uma reconfiguração de ordem econômica, social, política, cultural, educacional e tecnológica, sendo todas essas mudanças características de uma sociedade que alguns autores definem como “sociedade da informação”. Realiza um levantamento bibliográfico sobre sociedade da informação, sobre os conceitos de organizações e sobre a administração e organização de bibliotecas. Aborda que, com a multiplicação de seus acervos, produtos, serviços, usuários, além dos diversos formatos de materiais existentes, em especial o formato digital, as bibliotecas precisam ser geridas como organizações atendendo a demanda de informação de seus usuários e contribuindo para o desenvolvimento da comunidade onde está inserida. Enfatiza que no contexto atual, onde as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC's) colaboram com o desenvolvimento das bibliotecas, é necessário utilizar essas ferramentas para atender cada vez mais as necessidades dos usuários. Conclui que para atender as necessidades da sociedade da informação, é necessário haver uma mudança, um re-pensar e uma reorganização nas bibliotecas, ou seja, é necessário que as bibliotecas sejam geridas como organizações.

Palavras-chave:

Administração de biblioteca, Organização de biblioteca, Sociedade da Informação.

1 INTRODUÇÃO

Pesquisa realizada sobre a alfabetização no Brasil constata que o índice de analfabetismo é de 12% do total de 187.227.792 habitantes (Amorim, 2008). Este dado revela uma considerável parcela da população excluída por não saber ler e escrever, já que é principalmente por meio da linguagem que a sociedade se comunica e troca informações. O dado também não apresenta determinada parcela da população que, até sabe ler e escrever, mas que realiza esse ato mecanicamente e/ou tem dificuldades em buscar, localizar, acessar e utilizar eficazmente a informação, principalmente, num contexto onde o advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) reconfiguraram e reconfiguram a história da sociedade.

Com este advento, houve a diminuição do tempo em que as informações são produzidas e disponibilizadas e a explosão quantitativa da informação (LE COADIC, 2004). A grande quantidade de informação veiculada em menor tempo, somadas às TIC's, contribuíram para que surgissem novos conceitos para a sociedade, tais como: sociedade da informação, apresentado por Mattelart (2002), Takahashi (2000); sociedade informacional, utilizado por Castells (2008); sociedade do conhecimento, por Leão (2003), D'Amaral (2003), Mattelart (2005), Fuks (2003) e sociedade da metainformação, assim denominada por González de Gómez (1995). Outros autores defendem, ainda, que a informação sempre fez parte da história das

sociedades, ou seja, a sociedade sempre foi informacional (BURKE, 2003; CASTELLS, 2008).

Apesar da pluralidade desses conceitos, neste artigo adota-se o conceito de sociedade da informação, em virtude de se defender a idéia de que a informação sempre existiu, mas que hoje, devido à tamanha quantidade existente, tem-se que pensar numa nova reorganização social que ofereça, através dessas informações, uma melhor qualidade de vida para a sociedade.

Na sociedade da informação, a informação passa a ser então pressuposto de benefícios, mas também de exclusão para determinadas parcelas da sociedade. Benefícios porque permite que se tenha acesso à praticamente todo conteúdo informacional mundial, através da Internet, e exclusão porque esse acesso é exclusividade de alguns, àqueles que têm condições financeiras de possuir um computador conectado a Internet, ou que tem acesso em bibliotecas, escolas, lan houses, etc. Outra questão que surgiu juntamente com a explosão informacional foi à dificuldade de acessar, localizar, filtrar, utilizar eficazmente, adaptar-se e socializar toda essa informação. Em obter benefícios para a sociedade perante toda essa gama de informações.

Frente a este contexto informacional, as bibliotecas são os locais onde deve ser disponibilizado e, também, fomentado o acesso à informação. Considerando que as TIC's são ferramentas que reúnem, distribuem e compartilham informações através de variadas formas (*Messenger*, telefones celulares, televisão, Internet, *e-mail*, grupos sociais, etc.), os ambientes das bibliotecas devem adequar-se a este novo cenário. Nesse sentido, acredita-se que as bibliotecas precisam ser re-pensadas, re-organizadas. Cunha (2008) relata que é necessário aumentar a percepção do brasileiro quanto à importância das bibliotecas, uma vez que a imagem das bibliotecas é vinculada aos livros e com o advento das TIC's, as pessoas acreditam que o livro impresso vai desaparecer, e como consequência também as bibliotecas. Manguel (1997: 159) afirma que "é interessante observar a frequência com que um avanço tecnológico como o de Gutemberg, antes promove do que elimina aquilo que supostamente deve substituir". Nessa linha de pensamento, é possível que a Internet possa ser um caminho para os livros (FREITAS, 2003), em virtude do acesso aos livros, à sua divulgação, a facilidade da compra e venda. Por outro lado, Walty, Fonseca e Cury (2001), relatam que:

Convivemos com o aprofundamento do fosso entre os que podem tirar o máximo proveito das conquistas da mundialização da cultura - informação rápida, ligação instantânea com o mundo todo, maravilhas da realidade virtual e de um sem-número de possibilidades advindas dos computadores - e a massa dos analfabetos, semi-escolarizados, sem-terra e outros. Está claro que os processos de aquisição do conhecimento, envolvendo as novas formas de leitura, são atravessados por contradições, apresentando-nos desafios frente aos quais se delineia a urgência de nossa tomada de posição. Para a educação, o mundo contemporâneo com suas múltiplas possibilidades é um desafio (p.24-25).

A biblioteca é o lugar onde as informações encontram-se "de preferência" organizadas e visam atender a demanda que necessita destas informações. A palavra biblioteca etimologicamente quer dizer caixa/armário de livros. Guardiã dos saberes da humanidade, historicamente muito se tem preocupado em conservar seus acervos e, no contexto atual onde as TIC's são ferramentas que colaboram com o desenvolvimento das bibliotecas, tem-se que pensar em utilizar esses espaços para atender e criar necessidades informacionais nos usuários, educando-os para a vida. Com a multiplicação e diversificação de seus acervos, serviços e usuários, além das questões de inclusão e exclusão informacional existentes na

sociedade, as bibliotecas tornam-se locais que, se bem administrados, muito contribuem para o desenvolvimento da comunidade onde está inserida, podendo também contribuir para o desenvolvimento de comunidades distantes.

Maciel e Mendonça (2000) relatam que, se as bibliotecas forem vistas como organizações, seu gerenciamento será facilitado, haverá aumento da qualidade aos produtos e serviços oferecidos, além de ser evidenciado nas comunidades envolvidas o papel social das bibliotecas. Ainda Maciel e Mendonça (2000: 7), "o estudo da organização pode ser primariamente útil como um meio para bibliotecários adquirirem a compreensão, não só do entendimento da estrutura administrativa implícita à biblioteca, como também dos mecanismos de integração formal dessa estrutura com a instituição que a sustenta".

Buscando entender melhor os benefícios que as bibliotecas geridas como organizações podem oferecer na sociedade da informação, este estudo apresenta um levantamento bibliográfico sobre sociedade da informação, sobre os conceitos de organizações e sobre a administração e organização de bibliotecas.

2 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A informação é algo muito valioso, e não apenas na sociedade atual, mas em toda a história das sociedades, em virtude de impactar nos sistemas da economia, política, educação e cultura. Torna-se importante salientar que, hoje, em virtude da grande quantidade e da velocidade com que as informações são produzidas e recuperadas, há uma maior preocupação com as questões relativas à informação, a comunicação e ao conhecimento. Segundo Le Coadic (1996: 6), "duas características marcam o futuro da informação: a explosão da informação e a implosão do tempo".

Bauman (2001), em seu livro intitulado "Modernidade líquida", compara às questões informacionais, comunicacionais, tecnológicas e a própria globalização a um "novo" conceito sobre a modernidade, que muito se assemelha ao conceito de sociedade da informação, a modernidade líquida. Não que essa liquidez tenha erradicado todas as questões e objetos "sólidos" que fazem parte da história das sociedades, mas sim que essa liquidez está influenciando todo o percurso da sociedade atual. A fluidez, a liquidez, o sem forma, o passageiro, são características que estão presentes na sociedade e que, a cada dia, modificam toda a paisagem vivenciada. O certo hoje pode ser o errado de amanhã, e vice-versa, e ainda tem um detalhe, tudo depende do "olhar" daquele que analisa.

A emancipação, a sociedade, a individualidade, o capitalismo, a relação tempo-espço, o trabalho, e a comunidade são afetados diretamente por essa liquidez, que faz com que os indivíduos pouco saibam como optar, decidir, se orientar, reivindicar e principalmente, viver nessa sociedade líquida, nessa sociedade da informação.

González de Gómez (1995) lembra ainda que:

"Aumenta cada vez mais a distância entre o crescente valor agregado dos estoques de informação disponível e sua limitada transformação em excelência prática e cognitiva dos sujeitos coletivos e suas atividades, aos quais supostamente se destina" (GOMEZ, 1995: 3).

As ações nesta sociedade da informação, que facilmente são manipuladas, apresentam um falso bem-estar, os direitos cortados, os deveres "muito" cobrados, e num mundo capitalista, o valor do dinheiro está acima de tudo e de todos.

Nesse contexto, onde há exigência de múltiplas necessidades e atividades para sobreviver nessa guerra "não-declarada" para garantir a sobrevivência na sociedade da informação, a informação não é a garantia, mas um meio pelo qual os indivíduos podem ainda lutar por aquilo que acreditam.

No Brasil, as discussões sobre a Sociedade da Informação iniciaram-se com a implantação do programa do governo federal Avança Brasil: o Programa Sociedade da Informação, que resultou de trabalho iniciado em 1996 pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Sua finalidade substantiva foi lançar os alicerces de um projeto estratégico, de amplitude nacional, para integrar e coordenar o desenvolvimento e a utilização de serviços avançados de computação, comunicação e informação e de suas aplicações na sociedade. Essa iniciativa permitiria alavancar a pesquisa e a educação, bem como assegurar que a economia brasileira tivesse condições de competir no mercado mundial.

Como complementação para a implantação deste projeto, foi lançado em 2000, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, o Programa sociedade da informação no Brasil: livro verde, cujo objetivo é integrar, coordenar e fomentar ações para a utilização de tecnologias de informação e comunicação, de forma a contribuir para a inclusão social de todos os brasileiros na nova sociedade e, ao mesmo tempo, contribuir para que a economia do País tenha condições de competir no mercado global.

Takahashi (2000: 53), relata que: "a efetiva evolução de um país para a sociedade da informação depende do envolvimento ativo de seus quadros humanos, especialmente de seus cientistas e pesquisadores em tecnologias de informação e comunicação. Nesse mesmo sentido, Mattelart (2002: 137) enfatiza: "não faltam exortações que insistem na urgência de se estimular ativamente a aquisição de conhecimentos e de competências com o fim de transformar a sociedade da informação emergente em uma sociedade do saber".

Segundo Castells (2008):

"O termo sociedade da informação enfatiza o papel da informação na sociedade. Mas afirmo que informação, em seu sentido mais amplo, por exemplo, como comunicação de conhecimentos, foi crucial a todas as sociedades, inclusive à Europa Medieval que era culturalmente estruturada e, até certo ponto, unificada pelo escolasticismo, ou seja, no geral uma infra-estrutura intelectual. Ao contrário, o termo informacional indica o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico" (CASTELLS, 2008:65).

A execução deste programa brasileiro pressupõe o compartilhamento de responsabilidades entre os três setores: governo, iniciativa privada e sociedade civil. Para tanto, deveria desdobrar-se nas seguintes grandes linhas de ação: mercado, trabalho e oportunidades; universalização de serviços para a cidadania; educação na sociedade da informação; conteúdos e identidade cultural; governo ao alcance de todos; P&D, tecnologias-chave e aplicações; infra-estrutura avançada e novos serviços. Este programa não teve continuidade, porém existem ações ocorrendo que vão ao encontro de alguns pressupostos do programa.

Assim sendo, não restam dúvidas de que na sociedade da informação todos ambientes que lidam com informações precisam ser diariamente analisados e repensados, afim de que acompanhem toda essa explosão informacional e contribuam para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

3 CONCEITOS DE ORGANIZAÇÕES

As instituições na sociedade da informação são constituídas desde micro até grandes organizações e precisam ser administradas em virtude de vários fatores de risco que podem influenciar o seu desenvolvimento, tais como fatores econômicos, sociais, culturais, políticos, tecnológicos, etc., como também em virtude de cumprir objetivos que isoladamente os indivíduos não podem alcançar.

Chiavenato (2001) chama essas instituições de organizações, por serem organizadas e constituídas de pessoas, recursos físicos e materiais, financeiros, tecnológicos, mercadológicos, entre outros. Nesse aspecto, a palavra organização é vista como uma entidade social estruturada que visa objetivos específicos e, embora sendo diferentes (já que possuem objetivos, recursos, produtos, serviços e área de atuação distintas), devido a algumas caracterizações e rotinas parecidas, pode-se agrupar essas organizações em públicas (que abrangem as esferas do governo municipal, estadual e federal) e privadas (sendo que as privadas podem ser com ou sem fins lucrativos).

Na sociedade, as questões informacionais impactam nas organizações, inclusive Chiavenato (2001) enfatiza que os sistemas organizacionais do futuro terão que conviver com mudanças cada vez mais rápidas e inesperadas; com o crescimento em tamanho das organizações; e com atividades organizacionais cada vez mais complexas. Chiavenato (2001: 18) afirma, ainda, sobre as megatendências (referindo-se às grandes transformações que está passando a sociedade moderna) que "a sociedade pós-industrial que está surgindo não é uma sociedade de serviços como se imaginava, mas uma sociedade de informação, na qual a informação passa a ser o recurso estratégico, tomando o lugar do capital financeiro". Choo (2002) alerta que nas organizações a busca pela informação torna-se uma função que requer planejamento, coordenação, inovação, avaliação e afinação contínuos.

Tradicionalmente as organizações têm passado por mudanças significativas, seja nas suas finalidades, nos seus objetivos, nas suas atividades, na inserção das novas TICs dentro das organizações, entre outros. Segundo Teixeira (1982), a organização serve para atingir objetivos que devem ser alcançados através da coordenação de recursos e esforços; da divisão de trabalho e funções entre os participantes; e do uso de uma hierarquia de autoridade e responsabilidade. Além disso, Teixeira reconhece três proposições gerais sobre as organizações, que são: a Teoria Clássica da Organização (na qual os funcionários da organização são vistos como instrumentos passivos, realizando tarefas e aceitando direcionamentos); a Teoria das Relações Humanas (na qual o foco principal está nos relacionamentos humanos); e a Teoria Moderna de Organização (focada nas tarefas dos funcionários, como também nos seus relacionamentos).

Comparando essas três proposições gerais sobre as organizações com o ambiente da organização "biblioteca", pode-se dizer que na Teoria Clássica da Administração, a atitude radical de um bibliotecário com um usuário da biblioteca seria um exemplo, onde conta apenas o direcionamento do profissional que dirige as atividades. Na Teoria das Relações Humanas, pode-se exemplificar com o papel do bibliotecário como um guia e conselheiro, que evita limitar a iniciativa do usuário. E na Teoria Moderna de Organização, o bibliotecário centraliza seus esforços para atender as necessidades informacionais da comunidade onde a biblioteca está inserida, promovendo a educação e o treinamento destes usuários, para que desfrutem cada vez mais e melhor dos benefícios oriundos da sociedade da informação.

Nesse sentido, os ambientes das bibliotecas precisam ser geridos como organizações, para que sejam locais onde o usuário tenha a oportunidade para localizar e utilizar a informação, e também para que esse espaço promova experiências criativas para o uso da informação, reproduzindo o ambiente informacional da sociedade atual (Campello et al, 2003).

4 ADMINISTRAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE BIBLIOTECAS

estando por, nem de acesso muito a contribuir para a disseminação de mudanças que visem Houaiss e Villar (2001: p.444) definem a palavra biblioteca como "caixa/depósito de livros, etimologicamente advinda do francês *bibliothèque* (1943), e do grego *Biblíon*, que significa livro, e *teke*, que significa caixa, depósito". O local onde o acervo fica depositado, ordenado e catalogado para que os usuários possam realizar consulta local ou empréstimo (HOUAISS; VILLAR, 2001). Nessa concepção, as bibliotecas são vistas como uma estrutura física que contém o acervo organizado e espaço para consulta local do acervo, ou serviço de empréstimo do acervo. Este é o significado para muitas das bibliotecas convencionais[1] existentes, onde a atividade principal é o serviço de empréstimo do acervo.

Para os autores Faria e Pericão (2008) apresentam algumas concepções para o significado da palavra biblioteca que fazem uma ponte entre os conceitos do passado e do presente. Como conceito do passado, abordam biblioteca como um ambiente junto ao templo onde os livros utilizados nos cultos e para leitura complementar eram guardados. E como conceito do presente, abordam biblioteca como um local onde as informações estão organizadas e atualizadas para facilitar e responder às necessidades de informação, educação ou lazer dos usuários, através do profissional bibliotecário. Nesse conceito há a amplitude das funções de uma biblioteca, já que enfatiza além das funções de organização e empréstimo do acervo, a função social de responder as necessidades informacionais, educacionais e de lazer dos usuários. A importância do profissional bibliotecário é destacada para atender essas necessidades dos usuários. Cunha e Cavalcanti (2008) contribuem para ampliar o conceito de biblioteca, relatando que além das funções de organizar os registros da informação e disponibilizá-los, a biblioteca deve também atender as necessidades de informação, educação, pesquisa e recreação de seus usuários.

Apesar das bibliotecas normalmente estarem vinculadas à alguma Organização, como por exemplo: biblioteca universitária (vinculada à universidade), biblioteca escolar (vinculada à escola), biblioteca pública (vinculada ao poder público municipal, estadual ou federal), e outros tantos tipos de bibliotecas que existem e que se enquadram nesta vinculação, deve-se pensar e gerir essas tão úteis unidades de informação para a sociedade que se apresenta como sociedade da informação, como organizações.

Defende-se a ideia das bibliotecas serem geridas como organizações em virtude das diversas possibilidades que há através da biblioteca para se contribuir para o desenvolvimento social do país, pelos diversos tipos de serviços que se pode oferecer para a população, e também pelo fato de que, se as bibliotecas forem pensadas como organizações, cada uma de suas atividades deverá ser planejada, organizada, dirigida e controlada.

Faria e Pericão (2008: 360), definem a expressão "administração de biblioteca" como "a parte da biblioteconomia que diz respeito ao estabelecimento, organização e administração racional das bibliotecas, operações que são orientadas para a consecução de objetivos previamente definidos". Esta definição vai de encontro às ideias propostas pelas quatro funções da administração moderna, já que

estabelecer, requer planejamento; organização já está contemplado; administração racional, requer direção; e operações orientadas requerem avaliações.

Os estudos sobre administração de biblioteca na literatura datam da década de 40, com a publicação de "Principles of college library administration" dos autores William M. Randall e Francis L. D. Goodrich; e a publicação "The administration of the college library" do autor Guy R. Lyle et al. Em continuidade as publicações abordando o assunto administração de bibliotecas, destacam-se os livros dos autores Lucille Jackson, publicado em 1951; Louis R. Wilson e Maurice F. Taubert, publicado em 1956; Reginald Northwood Lock, publicado em 1961; C. G. Viswanathan, publicado em 1962; J. L. Wheeler e H. Goldhor, publicado em 1962; D. L. Smith, publicado em 1965 e de Heloisa de Almeida Prado, publicado em 1979.

Dentro daquilo que é possível ser realizado, administração de bibliotecas é fazer com que a finalidade máxima dessas unidades de informação seja atingida (PRADO, 1971). E qual é ou deveria ser a finalidade máxima de uma biblioteca? Cunha e Cavalcanti (2008, p.6) utilizam a expressão "administração bibliotecária" como sinônimo para a expressão "administração de bibliotecas", definindo-a como um "conjunto de tarefas relacionadas com a supervisão das atividades e funções inerentes a uma biblioteca".

De acordo com esses autores, administrar uma biblioteca é uma atividade que envolve o máximo desenvolvimento dessas unidades de informação, através da supervisão e avaliação de todas as suas atividades e funções.

Com a multiplicação de seus acervos, produtos, serviços, usuários, além dos diversos formatos de materiais existentes, em especial o formato digital, as bibliotecas precisam ser geridas como organizações, atendendo a demanda de informação de seus usuários e contribuindo para o desenvolvimento da comunidade onde está inserida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ambientes das bibliotecas necessitam de grandes mudanças que visem a melhoria de suas atividades, em virtude do novo cenário informacional e tecnológico proporcionado com o advento da sociedade da informação, pois do contrário, tornar-se-ão locais obsoletos.

As bibliotecas geridas como organização (planejadas, organizadas, dirigidas e controladas) contribuem para melhorar a qualidade da educação, formando um usuário com senso crítico, que saiba fazer uso da informação e que saiba dialogar na sociedade da informação.

Assim sendo, a biblioteca bem administrada é o local mais adequado para se entender, encontrar, avaliar, disseminar e usar eficazmente a informação.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Galeno. **Retratos da leitura no Brasil**. Instituto Pró-livro, 2008

BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editor, 2003.

CAMPELO, Bernadete Santos et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CHOO, Chun Wei. **Gestão da informação para a organização inteligente**: a arte de explorar o meio ambiente. Lisboa: Das bibliotecas & informação. 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v.1.

CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria Geral da administração**: v.1. 6. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

CUNHA, Murilo Bastos da. Das bibliotecas convencionais às digitais: diferenças e convergências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.13, n.1, p.2-17, jan./abr. 2008.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Bricquet de Lemos, 2008.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Editora da USP, 2008.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Leitura, escrita e literatura em tempos de internet. In: PAIVA, Aparecida et all (org.). **Literatura e letramento**: espaços, suportes e interfaces: o jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.155-173.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: dos estoques às redes. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.1, 1995.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Bricquet de Lemos, 2004.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

PRADO, Heloísa de Almeida. **Organize sua biblioteca**. 2.ed. São Paulo: Polígono, 1971.

TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, set. 2000.

TEIXEIRA, Gilberto José Weinberger. A aplicação das teorias de organização na aprendizagem. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**. v.17, n.3, jul./set. 1982, São Paulo, p.87-92. Disponível em: <http://www.rausp.usp.br/download.asp?file=1703087.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2009.

WALTY, Ivete Lara Camargos; FOSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Palavra e imagem**: leituras cruzadas. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

[1] Biblioteca convencional é aquela em que a maioria dos itens do seu acervo é constituída de documentos em papel. Tanto a coleção, como seus catálogos utilizam o papel como suporte de registro da informação. CUNHA, Murilo Bastos da. Das bibliotecas convencionais às digitais: diferenças e convergências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.13, n.1, p.2-17, jan./abr. 2008.